



Devido ao recesso da colunista, estamos reeditando o observatório geral publicado na edição nº 729 de fevereiro de 2011.

ENTRE OS CINCO E OS DEZ ANOS CULTIVEI HISTÓRIAS DE UMA CIDADE IMAGINADA. UM LUGAR DESENHADO NA MEMÓRIA A PARTIR DAS PALAVRAS DE JUSCELINO, DOS DESENHOS DOS ARQUITETOS E DOS PLANOS DO MEU PAI.



ESSE TEXTO É UMA DECLARAÇÃO DE AMOR A BRASÍLIA E AO SONHO MODERNISTA.



É TAMBÉM UMA HOMENAGEM À VISÃO E À DIGNIDADE DOS MEUS PAIS, CLÉO E WILMA, QUE ACREDITARAM E AMARAM BRASÍLIA DESDE 1957.



FUTURO PRESTES A ACONTECER Conheci Brasília muito antes de chegar à cidade. Tinha cinco anos quando acompanhei, através de recortes de revistas e jornais, os primeiros movimentos de terra, as maquetes de Oscar Niemeyer e o plano de Lúcio Costa. Foi meu pai, com seu imenso entusiasmo, quem apresentou, a mim e aos meus irmãos, a cidade modernista onde iríamos morar. A cada semana tinha uma novidade extraída das páginas da revista O Cruzeiro e do jornal O Estado de Minas. Recortes cuidadosamente colados num álbum que ia contando a história de um futuro prestes a acontecer. Metáforas da modernidade. Representações de liberdade. Imagens de um novo tempo que povoavam os sonhos daquelas crianças que viviam em Lavras, ao sul de Minas Gerais.

CIDADE IMAGINADA Entre os cinco e os dez anos, cultivei histórias de uma cidade imaginada. Um lugar desenhado na memória a partir das palavras de Juscelino, dos desenhos dos arquitetos e dos planos do meu pai. São retratos de um tempo distante, emoções em forma de imagens e palavras. Uma utopia construída de sonhos e desejos. Um lugar tão perfeito quanto pode a mente de uma criança. Foram cinco anos interpretando as ideias de modernidade, liberdade, desenvolvimento, futuro, confiança, trabalho, arquitetura, beleza, obra e pó. Palavras que faziam parte do repertório de leituras e conversas na sala de estar.

A CIDADE ESTÁ VOANDO! Nem toda imaginação foi capaz de conter o impacto da visão real da cidade. Era agosto de 1962 quando o carro que nos trazia de Minas parou na estrada, perto do Catetinho. Diante da imensidão do Planalto Central e sob o impacto da luz do fim de um dia de seca, avistamos os primeiros contornos da Esplanada dos Ministérios. A distância e o calor esfumaçavam os edifícios que pareciam flutuar. Emocionada, gritei: a cidade está voando! A cidade está voando!

UMA AVENIDA AMPLA E DIGNA Tinha dez anos quando atravessei, pela primeira vez, o Eixo Monumental. Uma avenida ampla e digna como o futuro idealizado. Um espaço tão espetacular que exigia silêncio. Apenas os olhos se mexiam tentando registrar as "tesourinhas", as entrequadradas, ainda vazias, os poucos blocos erguidos no barro das Superquadradas. Tudo era silêncio, solidão e beleza. Paramos na plataforma da Rodoviária para ver de perto a Esplanada. Constatei a imensidão do espaço e a realidade dos edifícios. Eram idênticos aos retratos da revista.

ERA NOVO. ISSO BASTAVA Saímos de uma casa em Lavras para morar em um bloco da SQS 106. Uma experiência tão surpreendente que não dava para saber se era bom ou ruim. Era novo, e isso bas-

tava. Visitamos o comércio local. As lojas eram voltadas para dentro da quadra. Foram planejadas para atender às necessidades dos moradores sem precisar atravessar a rua. Quanta sabedoria, pensei! A escola que eu e meu irmão mais novo iríamos frequentar era em frente ao bloco. Bastava tocar o sino e nós descíamos o elevador. Em segundos já estávamos no pátio, prontos para entrar na sala de aula.

CLARO E AMPLO E que salas de aula! Eram novas, com imensos janelões. Algumas davam para um jardim. As carteiras eram de fórmica cinza e individuais e as cadeiras, muito confortáveis. Tudo era lindo, novo, claro e amplo. Muito diferente de Lavras, com suas construções pesadas e escuras e suas carteiras de madeira velha, com banco acoplado, onde sentávamos aos pares, sem a menor privacidade.

ESCOLA PARQUE A grande novidade foi a Escola Parque. Um lugar feito para as crianças aprenderem arte. Isso sim era o supra-sumo da modernidade. Éramos convidados a escolher as atividades extracurriculares que queríamos desenvolver. Semestralmente, montávamos nossa agenda com aulas que poderiam ser de desenho, teatro, dança, música, tecelagem, escultura e pintura. Cinco dias na semana íamos pela manhã, à Escola Classe, aprender o currículo formal. No período da tarde, íamos para a Escola Parque desenvolver nossas sensibilidades, talentos e criatividade.

ANÍSIO TEIXEIRA Tive a alegria de frequentar a Escola Parque por três semestres. Três temporadas que valeram por uma existência, tamanha a sabedoria deste projeto educacional planejado pelo genial Anísio Teixeira. Semestralmente, escolhíamos quatro atividades que eram cursadas com o rigor de uma escola e desenvolvidas com o talento e sensibilidade de professores artistas. No final de cada semestre eram feitas exposições com os trabalhos desenvolvidos em sala de aula. No teatro da escola, com direito a iluminação e música, podíamos encenar as peças que escrevíamos ou dançar as coreografias planejadas e ensaiadas. Pais, filhos e professores participavam desta confraternização solidária. Éramos todos artistas e público ao mesmo tempo.

TINTAS DOS SONHOS Esta Brasília que experimentei e vivi talvez seja o melhor retrato da utopia modernista. Um tempo perdido na memória. Uma história carregada de vida e emoção. Um sonho que escorregou e caiu com os anos de crescimento desnordeado. Um projeto que não seguiu o plano. Uma utopia desfigurada pela ambição de alguns e o desrespeito de outros. Aos 50 anos, Brasília precisa reencontrar seu eixo, buscar sua verdadeira história e escrever os próximos 50 anos com as tintas dos sonhos que os legítimos pioneiros desenharam para nós.